

## **AS MÚLTIPLAS FACES DOS ANONYMOUS:** hacking político nas redes digitais

Rodrigo Savazoni<sup>1</sup>  
Murilo Machado<sup>2</sup>  
Prof. Dr. Sergio Amadeu da Silveira<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O objeto deste estudo são os hackers dos Anonymous, uma das principais expressões do ativismo político nas redes digitais. O objetivo do trabalho é comparar as ações dos Anonymous nos Estados Unidos com a dos ativistas que se reivindicam Anonymous no Brasil, em período específico de mobilização da opinião pública – a Operação Megaupload. Em primeiro lugar, o texto situa o cenário das mobilizações em rede e define conceitos do ativismo atual. Em seguida, são apresentadas as principais características dos Anonymous e a melhor definição para as articulações e organizações que utilizam desta rede ativista. Por fim, o trabalho busca esclarecer o método e as técnicas de pesquisa empregadas para captar, processar e analisar as informações. A comparação pretende esclarecer condicionamentos e especificidades políticas do hacktivismo, que constitui uma forma específica de ação política em rede.

**Palavras-chave:** Anonymous; Hacktivismo;

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC).

2 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC).

3 Professor Adjunto do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC (UFABC).

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

## **Introdução**

Desde meados dos anos 1990, uma nova forma de participação política passou a figurar mais ativamente no cenário das mobilizações em rede. Entendido ora como ato de desobediência civil, ora como protesto político, ora no contexto dos cibercrimes, o ativismo hacker – ou apenas “hacktivismo”, termo já consagrado pela literatura da área – ganhou viço juntamente com o advento do uso comercial da Internet, e teve em 1998 uma grande manifestação tanto no uso do termo como na dimensão do fenômeno a ele associado.

É naquele ano, por exemplo, que o grupo de ativistas *Electronic Disturbance Theater* passa a experimentar as primeiras ações de desobediência civil eletrônica, realizando, já de forma coordenada, ações distribuídas de negação de serviço (DDoS, ou *distributed denial of service*) contra sites do governo mexicano e em apoio ao movimento zapatista. Também é naquele ano, como observa Wray (1998), que se começa a ter notícia quanto a atos empenhados por hacktivistas em todos os continentes do planeta.

A partir de então, à medida que as sociedades se depararam com uma crescente ubiquidade de um ecossistema comunicacional caracterizado por protocolos lógicos de controle (GALLOWAY, 2004) e pela proeminência do software na condição de sua principal mídia (MANOVICH, 2008), esta forma peculiar de ativismo por meio das redes digitais ganhou múltiplas formas e expressões, de modo que sua dimensão política passou a ser objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento.

Neste trabalho, dedicaremos atenção ao coletivo hacktivista Anonymous, provavelmente a principal expressão do ativismo hacker na atualidade – e a que vem causando maior alarde entre as autoridades. Afinal, o crescimento tanto deste coletivo como desta forma de protesto, de modo geral, tem despertado reações na classe política do mundo todo. Esta, por sua vez, ao longo das últimas duas décadas, vem elaborando e propondo leis cada vez mais restritivas e criminalizantes quanto à prática do hacking, em particular, e do ativismo político em rede, em geral.

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Dado esse cenário, o objetivo deste artigo é justamente discutir as formas de organização e o método de ação do coletivo Anonymous. Nosso estudo parte de uma análise da presença na rede por parte de ativistas brasileiros e norte-americanos ligados ao coletivo entre os dias 17 e 20 de janeiro de 2012 – um dia antes da onda de protestos contra o projeto de lei estadunidense denominado SOPA (Stop Online Piracy Act) e um dia após a prisão dos dirigentes do site Megaupload. Pode-se dizer que esse foi um momento de grande importância para o ativismo em geral e, em particular, para os Anonymous. Nesse período, realizou-se a chamada Operação Megaupload, que tirou do ar, entre outros, os sites da Casa Branca, do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do FBI, constituindo a maior e mais abrangente ação do gênero que se tem notícia desde sua popularização.

Esta análise deve levar em conta o padrão de uso do discurso, dos objetivos explícitos, os comentários, o padrão das postagens, as linkagens realizadas, as mensagens de estímulo, o enquadramento ideológico em relação a determinadas causas alegadas e ideais de liberdade e justiça alegados. Nesta comparação, espera-se confirmar as diferenças mais importantes dos perfis Anonymous norte-americanos e brasileiros, bem como avançar na caracterização política, ideológica e cultural dessas distinções.

Mas, antes de detalharmos a metodologia e os resultados desta investigação, fazem-se necessárias algumas considerações acerca do hacktivismo e do coletivo Anonymous.

### **Hacking político**

Conforme aponta o sociólogo espanhol Manuel Castells em *Communication Power*, os hackers politicamente ativos são um elemento fundamental no movimento por justiça global. “Sua capacidade tecnológica para utilizar as redes de computadores com propósitos distintos dos que haviam sido atribuídos pelas empresas colocou os hackers na linha de

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

frente do movimento, liberando o ativismo das limitações à expressão independente impostas pelo controle empresarial das redes de comunicação” (CASTELLS, 2009, p. 345, tradução nossa). Inevitavelmente, essas ações apontadas por Castells passam pelas telas dos hacktivistas.

Para Manion e Goodrum (2000), os hacktivistas configuram-se como uma “nova espécie de hacker”: não apenas peritos em computação, mas indivíduos motivado por preocupações éticas e que creem que seus atos devem ser considerados um uma forma legítima de desobediência civil. Para tanto, consideram os autores, um ato hacktivista deve apresentar condições necessárias de justificação moral: (1) não causar dano a pessoas ou propriedades; (2) não ser violento; (3) não visar ao lucro pessoal; (4) ter uma motivação ética, isto é, a convicção de que a lei, norma ou conduta contra a qual se protesta é injusta; e (5) ter, por parte dos agentes, uma vontade de assumir as responsabilidades para eventuais consequências. Este quadro nos é esclarecedor porque, por definição, exclui do espectro do hacktivismo o trabalho de hackers curiosos que, mesmo com habilidades avançadas, movem-se apenas em nome do desafio técnico de explorar sistemas; ou o trabalho de pessoas que, mesmo sem tanto conhecimento técnico, invadem tais sistemas para lucro pessoal (crackers) ou com a intenção de causar danos em infraestruturas ou ameaçar vidas (ciberterroristas).

Nesse sentido, concordamos com Samuel (2004) quando argumenta que o hacktivismo pode ser entendido como um casamento entre o ativismo político e o hacking de computador e, além disso, como o uso não violento e (i)legalmente ambíguo de ferramentas digitais para se alcançar fins políticos. O trabalho de Samuel é ainda seminal no sentido de nos fornecer, com base em uma ampla pesquisa empírica, uma taxonomia completa do hacktivismo praticado atualmente<sup>4</sup> e, por isso, nos permitirá situar o comportamento dos Anonymous durante os dias aqui observados.

Vários outros autores, da mesma forma, nos auxiliam nesta definição. Sandor Vegh

---

4 A autora faz uma distinção entre desfiguração de sites (*defaces*), redirecionamento de páginas, ação de negação de serviço (*denial of service* ou DoS); roubo de informações; sabotagens virtuais; manifestações virtuais; paródias; e desenvolvimento de software.

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

(2003, p. 167), por exemplo, define hacktivismo como...

... uma ação online politicamente motivada, ou uma campanha de ações, realizada(s) por atores não-estatais em retaliação para expressar desaprovação ou para chamar a atenção a uma questão defendida pelos ativistas [...] hacktivistas são tanto "ativistas cabeados", ou seja, ativistas que adaptam a Internet às suas estratégias, ou "hackers politizados", ou hackers per se que agora adotam causas políticas como justificativa para suas ações.

Na mesma linha de pensamento, no que tange aos objetivos dos atos hacktivistas, Jordan & Taylor (2004, p. 1) compreendem o ativismo hacker como a emergência de uma ação política popular que tomou o ciberespaço, mas com o intento de moldar a vida offline.

Ele é uma combinação protesto político de pessoas comuns com o hacking. Os hacktivistas operam dentro da estrutura do ciberespaço, lutando sobre o que é tecnologicamente possível em vidas virtuais, e alcançam o ciberespaço utilizando poderes virtuais para moldar a vida offline. Movimentos sociais e protestos populares são partes integrais das sociedades do século XXI. O hacktivismo é ativismo que se tornou eletrônico.

Enfim, são amplas e diversas as abordagens e perspectivas teóricas acerca deste fenômeno. Importa reafirmar, no entanto, que, para esta análise, entenderemos que o hacktivismo não compreende ações que causem risco imediato à vida de outrem ou que objetivem lucro pessoal, por exemplo – e, portanto, não pode ser associado ao cracking ou ao ciberterror. Trata-se, antes de tudo, de uma ação política eticamente motivada, conforme observaremos a seguir.

**Anonymous: uma legião**

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Grupos autodenominados Anonymous iniciam suas atividades desde pelo menos o ano de 2006 no 4Chan, fórum de imagens muito popular nos Estados Unidos no qual é possível enviar mensagens preservando (ao menos publicamente) o anonimato. As primeiras ações desses grupos são pautadas pelo princípio do *lulz*, palavra que remete ao plural de “LOL” (laughing out loud, ou rindo em voz alta), e os primeiros atos eram de *trolling* – outra gíria da Internet que remete à chacota, à provocação e à desestabilização da ordem. Desde 2006, os Anons coordenaram ações de “trolagem” como trotes telefônicos ou sucessivos pedidos de pizza a determinados endereços “alvo” por meio do 4Chan.

No entanto, a antropóloga hacker Gabriella Coleman (2011) relata que, a partir de 2008 os Anonymous deixam de se valer principalmente da zombaria para se tornar um movimento essencialmente político. Isso ocorreu após a realização de uma grande onda de protestos on e offline contra a Igreja da Cientologia e a favor da liberdade de expressão. O episódio central dessa transição ocorreu quando esta Igreja produziu um vídeo<sup>5</sup> no qual o ator Tom Cruise falava dos supostos inequívocos benefícios recebidos por aqueles que seguem essa doutrina. No entanto, tal vídeo, destinado apenas à divulgação interna, foi descoberto e posteriormente publicado em diversos blogs norte-americanos. A reação da Igreja da Cientologia foi imediata: ameaçou tais veículos e os processou por violar direitos autorais.

Tal atitude provocou a ira dos Anonymous, uma vez que feriu uma de suas principais (e então incipientes) bandeiras políticas: a liberdade de informação, principalmente na Internet. Por isso, produziram um vídeo declarando guerra à Igreja (prática que se tornaria muito comum ao recrutar voluntários para as operações) e organizaram uma vasta onda de *trolling*. Rapidamente, os protestos ganharam dimensão global, de modo que, em 10 de fevereiro daquele ano, mais de seis mil pessoas foram às ruas – já usando a máscara que imita o rosto de Guy Fawkes, popularizada pelo filme V de Vingança e adotada como

---

5 Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fbTKHDyCdbE>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

símbolo pelo coletivo – para protestar em várias capitais do mundo, principalmente em frente a unidades da Igreja.

A partir de então, os Anonymous se tornam um movimento político disperso, assumindo diversas bandeiras políticas, variando desde a proteção ao meio ambiente, passando pela defesa da liberdade na Internet e pela luta a favor dos direitos humanos.

Conforme pretendemos demonstrar neste estudo, eles não constituem um grupo homogêneo ou um núcleo central de ativistas. Antes disso, “Anonymous” diz respeito a uma ideia, a um modo de ação, a uma forma de protesto. Não se configura como um coletivo unificado e formal, dotado de regras e diretrizes bem definidas, mas de conjunto extremamente heterogêneo e difuso de grupos e indivíduos espalhados por vários cantos do mundo, que se unem e se segregam a todo momento, a depender da ação a ser realizada, com diferentes conotações e configurações em cada localidade.

Anonymous seriam, dessa forma, um nome sob o qual hackers, artistas, pensadores, estudantes etc. agem coletivamente. Nesse sentido, “Anonymous” é todo e qualquer um, basta que se tenha a disposição de adotar alguns de seus preceitos básicos – entre eles, destacam-se: a defesa intransigente pela liberdade de informação; a ausência de lideranças centrais ou porta-vozes; a recusa em protestar contra qualquer meio de comunicação. Contudo, dado o caráter difuso do movimento tais preceitos são extremamente negociáveis.

A principal forma de ação política direta dos diversos grupos e indivíduos que se autodenominam Anonymous pelo mundo é a chamada ação distribuída de negação de serviço (*Distributed Denial of Service*, ou DDoS). A prática consiste em sobrecarregar os servidores em que estão hospedados sites-alvos até que eles não mais consigam responder ao número de acessos e simplesmente parem de funcionar. Quando isso acontece, os sites em questão hospedados saem do ar.

Foi por meio desse método, por exemplo, que os Anonymous se fizeram definitivamente conhecidos na opinião pública global, em 2010. Em janeiro daquele ano, as empresas PayPal, Mastercard e Amazon cederam às pressões do governo norte-americano e

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

bloquearam as doações feitas à organização transnacional Wikileaks (no caso das duas primeiras) e impediram o acesso ao servidor no qual ela postava seu conteúdo (no caso da Amazon). Com isso, o coletivo hacktivista, em apoio ao Wikileaks e ao jornalista Julian Assange, seu líder e porta-voz, realizaram uma série de ações políticas diretas. Durante algumas horas, ou mesmo dias, em alguns casos, hackers ligados aos Anonymous se organizaram e desabilitaram os sites dessas corporações por meio de ações distribuídas de negação de serviço (DDoS), inviabilizando sua prestação de serviços e, inevitavelmente, causando-lhes prejuízos consideráveis.

Desde então, várias operações contaram com o apoio ou a realização de grupos e indivíduos sob a alcunha Anonymous. No Brasil e no mundo, já foram registradas operações de caráter local, regional, nacional ou até mesmo global, como é o caso da operação Megaupload, a ser analisada neste texto.

### **Apropriações metodológicas**

Para dar conta da análise aqui proposta, melhor método seria aquele que permitisse a comparação dos diversos coletivos que se reivindicam Anonymous em ação. Neste sentido, buscou-se, em primeiro lugar, delimitar um período de grande importância para o hacktivismo. Tal período se deu entre os dias 17 e 20 de janeiro de 2012 – um dia antes dos protestos contra o Projeto de Lei denominado SOPA (Stop Online Piracy Act) e um dia depois da prisão dos dirigentes do site Megaupload. Foi um momento de grande importância para o ativismo em geral e, em particular, para os Anonymous. Nesse período, realizou-se a chamada Operação Megaupload, que tirou do ar, entre outros, os sites da Casa Branca, do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do FBI, constituindo uma das maiores e mais abrangentes ações dos Anonymous que se tem notícia desde sua popularização.



**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Dado o espraiamento destes coletivos em diversos países, línguas e plataformas tecnológicas, decidimos comparar os perfis claramente identificados como articuladores dos Anonymous na rede social Twitter, uma das principais plataformas utilizadas para organizar os protestos online e enviar comunicados sobre eles. Escolhemos os dois perfis com maior número de seguidores no país onde os Anonymous surgiram, os Estados Unidos, e dois perfis no Brasil. Assim sendo, foram selecionados os seguintes perfis: @AnonBRNews (BR), @PlanoAnonBr (BR), @YourAnonNews (EUA) e @anonops (EUA).

O processo do discurso desses agentes se tornou possível a partir do uso das APIs (Application Programming Interface ou Interface de Programação de Aplicativos) do Twitter. Desde dezembro de 2011, armazenaram-se todas as postagens e retweets (quem e quantos divulgavam um determinado post) de 50 perfis que claramente poderiam ser definidos como articuladores de um ou mais dos diversos coletivos Anonymous. Para tanto, um programa computacional foi escrito a fim de selecionar as postagens dos perfis escolhidos no período necessário à realização da análise.

Uma vez que o perfil @PlanoAnonBr não tinha sido selecionado entre os 50 que estavam sendo rastreados pelo programa em questão, foi utilizada para obter suas postagens a plataforma online MyTwebo, um serviço que permite a pesquisa no histórico de postagens de qualquer usuário da rede social.

Dessa maneira, feita a extração do conteúdo na rede social, foram utilizadas planilhas para descrever as mensagens com data de postagem, horário, remetente, destinatário (se houvesse), número de seguidores e número de usuários atingidos pelo post. Tais informações foram obtidas também via programa que extraiu as mensagens. Feito isso, procedeu-se à análise, que levou em conta o padrão de uso da rede pelos quatro perfis selecionados, o discurso, os objetivos explícitos, os comentários, o padrão das postagens, as linkagens realizadas, as mensagens de estímulo, o enquadramento ideológico em relação a determinadas causas alegadas e ideais de liberdade e justiça alegados. Nesta comparação, esperamos é confirmar as diferenças importantes dos perfis Anons norte-americanos e

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

brasileiros, bem como avançar na caracterização política, ideológica e cultural dessas distinções.

O uso das Interfaces de Programação de Aplicativos (APIs) na análise das redes sociais ou de grupos específicos que as utilizam é uma das tecnologias que podem dar maior precisão e amplitude nas pesquisas de comunicação, antropologia, sociologia e ciência política. Como os Anonymous utilizam principalmente os canais de IRC, o Facebook e o Twitter para chamar apoio ou divulgar suas ações, era importante poder retirar o máximo de informações para uma análise da atuação, das conversações e interações dos seus coletivos.

As ações dos Anonymous dependem basicamente do que comunica nas redes. A comunicação envolve perfis sem identificação plena, perfis identificados, perfis coletivos e robôs ou programas escritos para realizar determinadas tarefas, com ferramentas de ação (LOIC e TOR são dois exemplos, entre tantos outros) e com a exploração adequada dos mecanismos da própria Internet.

A API do Twitter e o modo como pode ser utilizada para nossas finalidades podem ser obtidas no site da plataforma.<sup>6</sup> A API pode ser dividida em três partes específicas. As duas primeiras (APIs REST) asseguram aos desenvolvedores e pesquisadores o acesso aos dados do Twitter, inclusive as atualizações, status dos dados e diversas informações sobre usuários. Já a API Streaming garante o acesso em tempo real a um amplo e gigantesco volume de informações. Sem dúvida, existem limites para o uso das APIs do Twitter, seja para efetuar chamadas, requisições e realizar atualizações, mas todas estão claramente descritas no documento “API Twitter - limitações”, disponível no site de nanoblog.

Nas linhas que se seguem, portanto, apresentaremos resultados sobre uma base quantitativa de mensagens e ações em rede, extraídas com precisão dos rastros digitais de perfis definidos como unidades de observação. No entanto, a análise será qualitativa, pois buscará entender o significado político, ideológico e cultural do que é dito e não dito, comparando possíveis diferenças de visão, discurso e postura diante dos mesmo fatos que

---

<sup>6</sup> Disponível em <<http://apiwiki.twitter.com/API-Overview.>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

animaram intensamente as redes.

### **#OpMegaupload**

Conforme observamos, a Operação Megaupload consistiu em uma onda de protestos on-line que tirou do ar, em janeiro de 2012, os sites da Casa Branca, do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do FBI (Federal Bureau of Investigation), entre outros, constituindo uma das maiores e mais abrangentes ações do gênero que se tem notícia desde sua popularização.

Primeiramente, nossa análise se focou em uma classificação prévia dos tuítes coletados nos quatro perfis da rede social Twitter identificados como Anonymous: AnonBrNews, PlanoAnonBr, YourAnonNews e anonops. Classificamos as mensagens em (1) Comunicados sobre a #OpMegaupload; (2) Comunicados gerais (tuítes diversos); (3) Conversa com outros perfis; (4) Conversa com perfis identificados como Anonymous; (5) Retuítes sobre a #OpMegaupload; e (6) Retuítes gerais, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 1: Classificação dos Tuítes**

	AnonBrNews	PlanoAnonBr	YourAnonNews	anonops
Comunicados sobre a #OpMegaupload	2	38	98	34
Comunicados gerais	5	50	279	16
Conversa com perfis quaisquer	2	8	57	0
Conversa com perfis Anonymous	1	20	7	3

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Retuítes sobre a #OpMegaupload	0	0	8	3
Retuítes diversos	3	5	137	2

Em relação aos perfis internacionais, verificou-se que o @YourAnonNews foi, com larga vantagem, o perfil mais ativo durante os dias pesquisados: foram mais de 580 mensagens durante todas as horas do dia e da noite. Este perfil dedica-se sobretudo à divulgação de notícias relacionadas aos Anonymous em todo mundo – mas com foco claramente nos Estados Unidos – e ao diálogo com outros diversos perfis sobre a atuação do coletivo, envolvendo dúvidas, críticas e elogios.

Entre as mensagens coletadas, aproximadamente 100 diziam respeito especificamente à Operação Megaupload. Destas, a imensa maioria trazia links que direcionavam a notícias veiculadas em meios de comunicação norte-americanos sobre a #OpMegaupload. Outra pequena parte alertava os internautas que, se eles estavam participando da operação por meio das ações de negação de serviço (DDoS), deveriam tomar muito cuidado com a garantia de seu anonimato e, conseqüentemente, sua própria segurança na rede. Embora não tão abundantes, essas mensagens foram bastante insistentes. Em nenhum momento, contudo, este perfil postou qualquer mensagem convidando os usuários do Twitter a participar de um DDoS. Os convites restringiam-se à participação em chats e em transmissões ao vivo sobre a Operação.

Entre as demais mensagens postadas, destacam-se tuítes em apoio à Operação BlackOut – em protesto ao SOPA – e também uma quantidade bastante significativa de tuítes narrando e apoiando o chamado Occupy Congress, uma espécie de extensão do movimento Occupy WallStreet que, no dia 17 de janeiro, organizou uma marcha que partiu do Capitólio até a Casa Branca, em Washington. Esse protesto reuniu cerca de 1.500 pessoas de várias partes do país.

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Já o @anonops também se mostrou ativo durante os dias pesquisados, muito embora não tenha mantido o volume de tuítes apresentado pelo @YourAnonNews, com quem manteve várias conversas. Ao todo, foram 58 mensagens espalhadas pelos quatro dias de operação. O @anonops se dedica à divulgação das diversas operações em que os Anonymous estão envolvidos. Entre os dias 17 e 20 de janeiro, a absoluta maioria das mensagens (58%) tinha ligação estreita com a Operação Megaupload. Além de uma contagem regressiva para o início da operação, a maior parte das mensagens deste perfil trouxe tuítes inflamados enaltecendo as proezas do coletivo hacktivista (um “dia épico”, orgulhou-se) – ora postando notícias relacionadas ao “maior ataque já realizado pelos Anonymous”, ora apontando os sites que já haviam caído durante a #OpMegaupload, com destaque para as páginas da Motion Picture Association of America (MPAA), da Universal Music, da Recording Industry Association of America (RIAA) e do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Este perfil também comunicou que foi registrada a participação de 5.600 pessoas nas ações de negação de serviço (DDoS) durante a #OpMegaupload. Entre as demais mensagens, destacam-se também as menções em repúdio ao SOPA, links para a cobertura ao vivo do Occupy Congress e mensagens de apoio à Operação BlackOut.

Quanto aos perfis brasileiros, o @PlanoAnonBr esteve muito mais ativo no Twitter durante a #OpMegaupload. Este perfil está associado a um grupo extremamente heterogêneo de grupos e indivíduos, formado tanto hacktivistas quanto por pessoas sem grande familiaridade com computadores. Entre as atividades deste coletivo, portanto, destacam-se desde ações de negação de serviço (DDoS) até manifestações nas ruas, sempre coordenadas por meio das redes sociais.

No período destacado, mais de 30% das mensagens emitidas por este perfil estão diretamente relacionadas à Operação Megaupload. Entre elas, destacam-se, em sua maioria, incitações para que seus seguidores participassem dos protestos, ajudando nos DDoS. Nesta operação, foi usado o software Loic para inundar os sites com acessos. Pelo

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

fato de este ter sido instalado em determinados servidores, o único trabalho que o manifestante tinha de desempenhar era clicar num dado link, cabendo ao aplicativo fazer todo o resto. Nota-se também, neste perfil, uma espírito de cooperação com outros perfis relacionados aos Anonymous: mais de 15% dos tuítes faziam menção a outros perfis dos Anons. Um deles, inclusive, datando de 19 de janeiro, garantia a um perfil norte-americano que os brasileiros estavam engajados na #OpMegaupload: “@YourAnonNews Brazill all time support.. #StopSOPA #FreeMegauplod #Anonymous”. No mais, as outras mensagens emitidas por este perfil disseram respeito a comunicados gerais do grupo, em especial quanto à #OpBlackOut e aos protestos contra o projeto de lei SOPA (Stop Online Piracy Act) .

Quanto ao @AnonBrNews, pode-se pensar que é revelador que o perfil identificado com os Anonymous atualmente com o maior número de seguidores no Brasil tenha se manifestado tão raramente durante os dias da Operação Megaupload. No entanto, isso se deve ao fato de que este perfil, àquela época, estava sendo estruturado, começando suas atividades. Com efeito, os grupos hacktivistas responsáveis pelo controle deste perfil – notadamente, AntiSecBrTeam e iPirates – haviam tido uma divergência interna com os demais indivíduos ligados ao @PlanoAnonBr (anteriormente ao conflito, todos agiam em conjunto). Por isso, este perfil manifestou-se apenas 13 vezes no Twitter, sendo que apenas 2 tuítes diziam respeito unicamente à #OpMegaupload: um deles comunicava a queda da página oficial do FBI e outro trazia um link do site YouTube contendo um vídeo de um telejornal norte-americano informando sobre a Operação, principalmente quanto aos sites que estavam fora do ar. A notícia na chamada do telejornal era “‘Anonymous' organiza o maior ciberataque na história do grupo”.

### **Considerações finais**

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

Este trabalho chamou a atenção para o ativismo hacker, ou hacktivismismo – uma nova forma de participação política que passou a figurar mais ativamente no cenário das mobilizações em rede. Para estudá-lo, dedicamos especial atenção ao coletivo hacktivista Anonymous, provavelmente a principal expressão do ativismo hacker na atualidade, em um dos períodos mais importantes deste fenômeno: a Operação Megaupload, que uniu hacktivistas de todo o mundo com a finalidade de protestar contra instituições e empresas norte-americanas.

Neste estudo, foi possível observar, durante a referida Operação, importantes diferenças nas formações discursivas e de postura entre perfis brasileiros e norte-americanos identificados como Anonymous.

O fato de ser uma operação de caráter global em protesto, em sua maioria, a empresas e instituições norte-americanas, era de se esperar que os perfis estadunidenses se mostrassem mais ativos. Além de postarem em maior quantidade, a maior parte das mensagens publicadas pelos norte-americanos estava relacionada estritamente à Operação Megaupload, contendo notícias, comunicados, anúncios de sites derrubados, enfim, informações gerais sobre os protestos.

Outra preocupação presente entre os americanos dizia respeito ao anonimato de seus seguidores que também estavam participando de ações de negação de serviço. Embora não tenha incitado ninguém a realizar tais ações, pediu-se para tomar os devidos cuidados técnicos para proteger suas identidades, talvez pelo fato de a legislação daquele país ser deveras restritiva em relação ao hacking, com inúmeros casos de prisão ao longo dos últimos anos. Com isso, os únicos pedidos de apoio realizados pelos perfis norte-americanos disseram respeito a participações que não se dessem por meio do hacking, tais como divulgação da Operação, protestos de rua etc.

Já os perfis brasileiros, por sua vez, embora tenham auxiliado na #OpMegaupload tanto nas ações de negação de serviço quanto na divulgação pela Internet dos motivos da operação, foram muito menos ativos que os perfis norte-americanos durante o período de

**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

análise. Para além disso, observou-se que a maioria das mensagens publicadas (mais de 70%) pelos perfis brasileiros não estavam relacionadas à Operação, o que revela uma participação um pouco mais distanciada.

Dos dois perfis analisados, um deles – o @AnonBrNews – estava em fase de estruturação e início de atividades e, por isso, publicou poucas mensagens. Já nas mensagens relacionadas à operação publicadas pelo outro perfil analisado, verificaram-se, em primeiro lugar, vários chamados para que seus seguidores aderissem às ações de negação de serviço, auxiliando propriamente na derrubada dos sites-alvo. Neste ponto, contrariamente aos perfis norte-americanos, não houve nenhuma advertência quanto às precauções que deveriam ser levadas em conta pelos usuários, como proteção da identidade na rede.

Ainda foi possível notar, entre as mensagens dos perfis brasileiros, uma boa dose de cooperação com outros perfis identificados como Anonymous. Um dos tuítes, inclusive, direcionado aos norte-americanos, declarou apoio dos brasileiros à Operação.

Por fim, o ativismo político em rede encontra no hacktivismo uma de suas mais marcantes expressões. Compreendê-lo é fundamental para lançar interpretações aos novos movimentos sociais que ganharam força na aurora do século XXI. Mas, para isso, é preciso estar ciente de suas especificidades locais, econômicas, sociais e culturais, conforme apontamos neste trabalho. Afinal, o hacktivismo não é, nem nunca foi, uma atividade exclusivamente técnica.



**36° Encontro Anual da Anpocs**  
GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura

**Referências**

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Nova York: Oxford University Press, 2009.

COLEMAN, Gabriella. Anonymous: from the lulz to collective action. **The new everyday**: a media commons project. 2011. Disponível em:  
<<http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/anonymous-lulz-collective-action>>.  
Acesso em: 7 dez. 2011.

GALLOWAY, Alexander. **Protocol**: how control exists after decentralization. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2004.

JORDAN, Tim; TAYLOR, Paul A. **Hactivism and cyberwars**: rebels with a cause? Londres e Nova York: Routledge, 2004.

MANION, Mark; GOODRUM, Abby. Terrorism or civil disobedience: toward a hacktivist ethic. *Computers and society*, v. 30, n. 2, p. 14-19, jul. 2000.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**. Nov. 2008. Disponível em:  
<<http://lab.softwarestudies.com/2008/11/softbook.html>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

WRAY, Stefan. **Electronic civil disobedience and the world wide web of hacktivism**: a mapping of extraparliamentarian direct action net politics. Nov. 1998. Disponível em:  
<<http://switch.sjsu.edu/web/v4n2/stefan>>. Acesso em: 10/1/2012.

VEGH, Sandor. **Hacking for democracy**: a study of the internet as a political force and its representation in the mainstream media. 2003. 349 f. Tese (Doutorado em Estudos Americanos) – Departamento de Estudos Americanos, Universidade de Maryland.